



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

Seminário 4 - Sujeito e história: sociedade e indivíduo

O queijo e os vermes

- Prefácio à edição italiana; Menocchio; A aldeia; O primeiro interrogatório -
Carlo Ginzburg

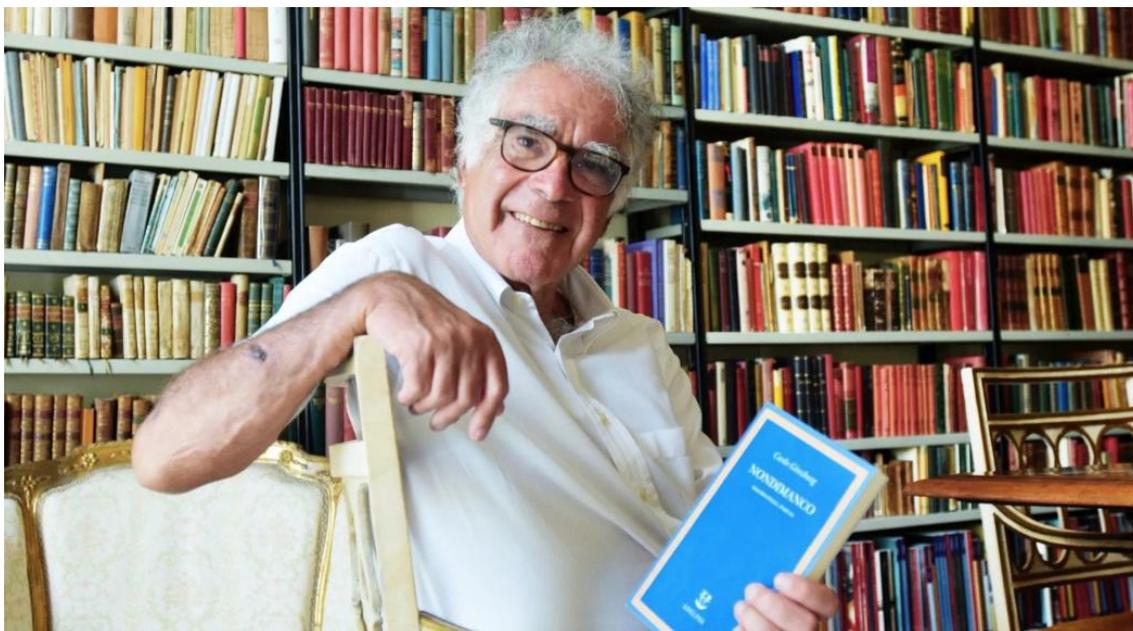
Trabalho apresentado à disciplina
AUH 5867- História da Arquitetura
e da Cidade: Teoria e Método.

**Adele Belitardo
Gabriela Tamari**

São Paulo
2020

1. Apresentação do autor

Carlo Nello Ginzburg nasceu em Turim, Itália, em 15 de abril de 1939. De origem judaica, é filho de intelectuais e ativistas antifascistas.



Carlo Ginzburg em sua residência em Bolonha

O pai, Leone Ginzburg (1909-1944), nasceu em Odessa - antigo território do Império Russo, hoje Ucrânia - e mudou-se para a Itália ainda criança. Era professor e tradutor de literatura russa e pediu demissão em 1932 quando o partido fascista iniciou investidas autoritárias nas universidades. Tornou-se líder do grupo *Giustizia e Libertà* de conspiração antifascista de Turim em 1934, ao lado de Carlo Rosselli¹, sendo preso por dois anos. Quando solto, fundou a Editora Einaudi, uma das mais importantes da Itália, ao lado de Luigi Einaudi e Cesare Pavese. Por conta de perseguições políticas, mudou-se com a família para Abruzzo onde viveram até 1943. Ainda na luta antifascista, vai à Roma após a destituição de Mussolini, mas é preso por alemães no cárcere de Regina Coeli, onde é torturado até falecer em fevereiro de 1944.

A mãe, Natalia Ginzburg (1916-1991), era filha de um histologista importante, Giuseppe Levi, professor da Universidade de Turim. Inserida em meio intelectual desde criança e ativa nas lutas antifascistas no início da década de 1930, inicia sua trajetória como escritora apenas ao fim da década de 1940, após a morte de Leone. Natalia desenvolve, em sua obra, a temática da memória e da vida cotidiana em meio à guerra e ao pós-guerra. As poéticas de *Léxico familiar*, *Pequenas virtudes* e *Família* a colocam dentro do rol de vozes femininas mais importantes da literatura italiana do século XX. Além de escritora, também foi editora da Einaudi ao lado de Ítalo Calvino. Para Carlo Ginzburg, a figura de Natalia foi fundamental para sua descoberta da dimensão narrativa na pesquisa histórica (SILVA, 2017).

¹ Em entrevista a Claire Zalc, Carlo Ginzburg conta que seu nome Carlo Nello são derivados da combinação dos nomes de Carlo Rosselli e seu irmão Nello Rosselli, ambos mortos pelos fascistas na França, em 1937 (GINZBURG, 2019).



Natalia Levi e Leone Ginzburg

Carlo Ginzburg cursou os estudos primários e secundários em Turim e em Roma e o ensino superior na *Scuola Normale Superiore di Pisa*, entre 1957 e 1961, mais especificamente na Faculdade de Letras e Filosofia e desenvolveu sua tese de doutoramento na área de história. Dois professores impactaram sua formação: Delio Cantimori e Arsenio Frugori, ambos historiadores e professores na *Scuola Normale*. Foi a partir de uma aula onde Cantimori dissecava um texto de Jacob Burckhardt que Ginzburg decide tornar-se historiador - segundo ele, “aquela maneira de ler o texto levantando uma multiplicidade de problemas foi algo que me pareceu magnífico” (GINZBURG, 1990, p.255-256). Juntando-se a esse fato, Frugori indica a leitura dos *Annales* a Ginzburg, que se impressiona com os textos de Marc Bloch e realiza seu primeiro trabalho remunerado, a tradução de *Les rois thaumaturges: Étude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale, particulièrement en France et en Angleterre* para o italiano, a convite de Franco Venturi da Editora Einaudi. Além de Bloch, outro autor marcante para Ginzburg foi Federico Chabod e seus estudos sobre a história religiosa de Milão no século XVI.

Porém, vale ressaltar que Ginzburg se referenciava somente nos estudos históricos. Sua formação intelectual percorria também o campo da filosofia, da antropologia e da literatura, com leituras do iluminista Giambattista Vico, do filósofo Ernesto di Martino, do poeta Cesare Pavese (também companheiro de Leone na luta antifascista) e dos conhecidos Fiódor Dostoiévski e Liev Tolstói. Além da invariável presença dos textos marxistas de Antonio Gramsci. Esse arcabouço intelectual mais heterogêneo transparece na obra de Ginzburg a partir de um caráter interdisciplinar, onde ele se propõe a trabalhar de maneira diferente, direcionando seus textos tanto para profissionais como para um público mais amplo.

E foi o que fiz em *Os andarilhos do bem* e *O queijo e os vermes* [...] A idéia de escrever para um público amplo me parece ser um fim em si mesmo. Se a pesquisa é importante, por que deveria permanecer como apanágio de um grupo restrito de profissionais? Poderemos interessar pessoas que não são profissionais se dividirmos com elas não apenas o resultado da pesquisa, mas também o caminho percorrido para chegar

até ele. Às vezes a pesquisa pode ser mais fascinante do que o resultado (GINZBURG, 1990, p.261).

Percebe-se que a trajetória de Ginzburg não se construiu apenas com sua dedicação à pesquisa e à história. Sua inserção no meio intelectual italiano, principalmente por conta de seus laços familiares, propiciou alguns encontros que consolidaram seu percurso profissional. Se Franco Venturi, amigo próximo de seu pai Leone, facilita uma primeira tradução do livro de Marc Bloch, é por conta de sua mãe Natalia que Carlo Ginzburg tem o primeiro contato com o *Warburg Institute*, ao visitá-la em Londres.

Quando retorna a Itália, ainda encantado com sua visita ao *Warburg Institute*, Ginzburg se candidata a uma bolsa e consegue permanecer durante um mês estudando em Londres, no ano de 1964. Nesse período descobre a obra Fitz Saxl e de Ernst Gombrich, sendo que a obra deste último o marca profundamente. O contato com o mundo das imagens e sua iconografia política e com a metodologia da história da arte faz com que o autor escreva um artigo sobre a tradição da Biblioteca *Warburg*² e, a partir dessa publicação, o próprio Gombrich, diretor do *Warburg* à época, o convida para permanecer mais um ano estudando em Londres.

Entre o período de finalização dos estudos na *Scuola Superiore* e a experiência no *Warburg Institute*, Ginzburg já vinha desenvolvendo sua pesquisa sobre os processos inquisitórios que recaiam sobre os indivíduos considerados hereges, sempre enfocando nas personagens e suas inserções no cotidiano da época. Essa pesquisa culmina na publicação do livro *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*, publicado em 1966. Tomando como campo de observação as práticas de dois *benandanti* em cultos de fertilidade agrícola durante as noites de sabá, Ginzburg destrincha a micro-realidade desse grupo social a partir de documentos da Inquisição.

Foi a partir da publicação de *Os andarilhos do bem* que o italiano ganha projeção internacional como pioneiro da micro história. O livro ganha uma resenha anônima de Eric Hobsbawm na *Times Literary Supplement* e outra resenha de Bill Monter na revista da *Bibliothèque de l'Humanisme et Renaissance*. Além disso, a inserção no corpo editorial da revista *Quaderni Storici* também lança projeção no meio historiográfico europeu.

Em 1976 lança sua obra mais reconhecida: *O Queijo e os vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Aqui, Ginzburg explora novamente os arquivos do Santo Ofício para contar a história de um moleiro friulano julgado e executado como herege. Com a divulgação de seu livro e o grande interesse pelo assunto, Ginzburg direciona uma carta ao Papa João Paulo II, em 1979, para pedir a abertura total do *Archivio Segreto Vaticano*, fonte principal dos documentos dos tribunais eclesiásticos da Inquisição Romana. Em meados dos anos de 1990, foi dada a concessão para a visita de um grupo de pesquisadores ao *Archivio della congregazione per la dottrina della fede* e, finalmente em 22 de janeiro de 1998 os arquivos do Vaticano foram abertos todos os pesquisadores (SCHUTTE, 2007, p.101).

² Refere-se a “Da A. Warburg a E.H. Gombrich: note su un problema di metodo”, primeiramente publicado em *Studi medievali*, v.3, ser. 7/2, 1966, p. 1015-1065. Foi republicado em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, 1986.

Sua carreira como docente se deu principalmente entre a Itália e os Estados Unidos: leciona História Moderna na Faculdade de Letras da *Università di Bologna* de 1970 até 1988, quando torna-se docente na *University of California Los Angeles* (UCLA). Lá, Ginzburg ocupou a cadeira Franklin D. Murphy na disciplina *Italian Renaissance Studies* até 2006. De 2006 a 2010 retorna à Itália como docente na *Scuola Superiore Normale di Pisa*.

Em muitos períodos esteve locado como professor convidado/bolsista em outras universidades e institutos de pesquisa: no ano do lançamento de *O Queijo e os vermes*, 1976, vai para o *Davis Center for Historical Studies* em Princeton, dirigido por Lawrence Stone, como professor convidado no programa sobre religiões populares. Sua estadia nos Estados Unidos se prolonga com mais duas bolsas no *Institute for Advanced Study* ainda em Princeton (em 1975 e 1976). Foi bolsista na *Yale University* em duas ocasiões, em 1983 e 1986. Também passou pelo *Getty Center* e pela *Columbia University*.

Na Europa, esteve na *École Pratique des Hautes Études* em Paris, no *Wissenschaftskolleg* e no *The Leibniz-Zentrum für Literatur- und Kulturforschung* (ZfL) em Berlim, na *Siemens Foundation* em Munique.

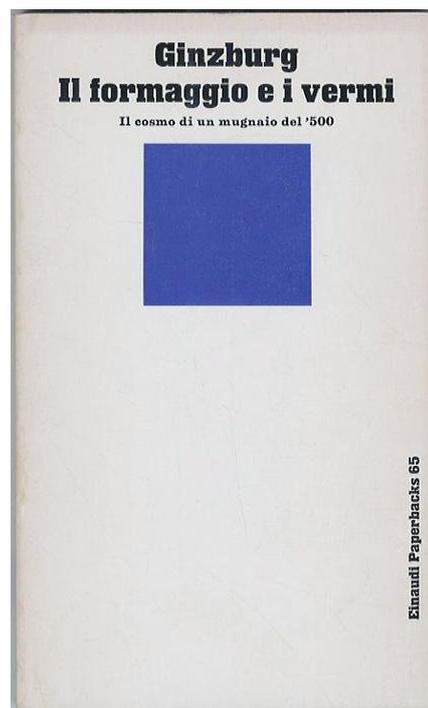
Ginzburg recebeu diversos prêmios por seus livros e por seu conjunto de obra, dentre eles: Premio Salento, Premio Viareggio, The Aby M. Warburg Prize of the City of Hamburg, Balzan Prize, Humboldt Research Award, il premio dell'Accademia dei Lincei Antonio Feltrinelli.

Sua principais obras são:

- Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII, 1966;
- Il nicodemismo. Simulazione e dissimulazione religiosa nell'Europa del '500, 1970 (sem tradução);
- Giochi di pazienza. Un seminario sul 'Beneficio di Cristo', 1975;
- O queijo e os vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição, 1976;
- Investigando Piero: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação de Urbino, 1981;
- Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história, 1986;
- História Noturna: Decifrando o Sabá, 1989;
- Il giudice e lo storico. Considerazioni in margine al processo Sofri, 1991;
- Olhos de madeira. Nove riflessioni sulla distanza, 1998;
- Relações de força: história, retórica, prova, 1999;
- Das Schwert und die Glühbirne. Eine neue Lektüre von Picassos Guernica, 1999;
- Nenhuma Ilha é Uma Ilha: Quatro Visões da Literatura Inglesa, 2000;
- Tentativas, 2003;
- Um diálogo, 2003;
- Rekishi o Sakanadeni Yomu, 2003;
- O fio e os rastros. Vero falso finto, 2006 (traduzido para o português);
- Medo Reverência Terror. Quatro ensaios de iconografia política, 2013.

2. Apresentação do texto

“No passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as ‘gestas dos reis’. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado”. (GINZBURG, 2006, p.11) As primeiras palavras do prefácio à edição italiana do livro “*O queijo e os vermes*” de início já denunciam o posicionamento de seu autor no que diz respeito à determinadas práticas de correntes historiográficas “do passado” e de outras atuais, com as quais estaria se relacionando. Antes de adentrarmos em discussões mais específicas sobre livro “*O queijo e os vermes*”, assim como dos trechos elencados para análise (Prefácio à edição italiana e os três primeiros capítulos do livro: Menocchio, A aldeia, O primeiro interrogatório), publicado pela primeira vez em 1976, na Itália, é fundamental inseri-lo numa malha de acontecimentos mais ampla, a fim de vislumbrar algumas das circunstâncias que se relacionam com sua escrita e consequente publicação.



O Queijo e os vermes
Primeira edição italiana
1976

É importante destacar a relação de Ginzburg e de sua obra com a Escola dos Annales francesa, sobretudo com a dita terceira geração dos *Annales*, pós 1968, que marcará um novo momento de um movimento que provocou profundas transformações no campo da historiografia ocidental. (BARROS, 2010) Em entrevista, o autor relata que iniciou seus estudos sobre a Escola dos Annales ainda enquanto estudante universitário, no final da década de 1950, na Itália, e fala sobre a importância do movimento em sua formação, sobretudo leituras do historiador Marc Bloch. (GINZBURG, 1990, p.256) É notável, ao longo do livro, as menções feitas à historiadores ligados ao movimento francês, seja em notas de referência, como à Fernand Braudel (p. 204) e Pierre Chaunu (p. 199, 203), ou em citações diretas no próprio texto, como à Lucien Febvre (p. 24) e Robert Mandrou (p.13, 14, 18), insinuando o diálogo do autor com esses historiadores e seus pensamentos, seja para assimilá-los ou contrapô-los em alguma medida. Nesse sentido, o trabalho de Ginzburg se insere num contexto de mudanças significativas no campo da historiografia, onde novos olhares e leituras seriam possíveis, assim como diálogos interdisciplinares com outros campos das ciências humanas, sobretudo a Antropologia. (BARROS, 2010)

“*O queijo e os vermes* pretende ser uma história, bem como um escrito histórico”. (GINZBURG, 2006, p.10) As palavras do historiador no final do prefácio à edição inglesa apontam para seu desejo de que o livro fosse lido não somente por especialistas mas também por leitores comuns. O autor se utilizará de estratégias como a retirada das notas numéricas ao longo do texto, colocando-as apenas no final da publicação na

tentativa de criar uma leitura mais fluida, e de uma linguagem mais simples, o que inclusive facilitaria uma possível tradução. (GINZBURG, 1990, p.261) O livro, além dos prefácios, posfácio, notas e abreviaturas e índice onomástico, é dividido em 62 capítulos não muito longos que narram, de maneira não linear ou cronológica, a trajetória do moleiro italiano Menocchio.

A publicação, de fato, alcançou grande popularidade, sendo traduzido para uma série de idiomas, incluindo o português, e recebeu críticas elogiosas de figuras como o próprio Fernand Braudel. (GINZBURG, 1990, p.261) Sobre essa popularidade, em entrevista Ginzburg irá creditá-la sobretudo à linguagem que, além de facilitar as traduções, possibilitou uma ampliação do público leitor para além dos especialistas e, além disso, pelo tema do livro que não passaria por uma “mediação da história nacional”, como por exemplo publicações sobre a Revolução Francesa ou o descobrimento - termo do autor - da América. (GINZBURG, 1990, p.261) Nesse sentido, consideramos fundamental essa colocação de Ginzburg sobre sua obra, onde a mesma “poderia ser abordada de uma maneira inteiramente local” (GINZBURG, 1990, p.261), insinuando as possibilidades de apropriação de seus escritos e pensamentos por outros pesquisadores e abordagens, inclusive de outros campos, como no caso, da Arquitetura e do Urbanismo.

3. Tema

O livro “*O queijo e os vermes*” relata a trajetória do moleiro Domenico Scandella, conhecido por Menocchio, na Itália do século XVI, quando o mesmo será interrogado e preso pela Inquisição, acusado de proferir discursos considerados perigosos e hereges pelo Santo Ofício. Uma farta documentação encontrada por acaso no Arquivo da Cúria Episcopal da cidade de Udine sobre o processo de Menocchio chamou a atenção do historiador, sobretudo pela inusitada acusação de que o réu “sustentava que o mundo tinha origem na putrefação”. (GINZBURG, 2006, p.9)

A partir da trajetória de Menocchio, o autor irá tecer uma série de considerações sobre o que chamará de “cultura das classes subalternas” ou “cultura popular”, nesse momento histórico, enfatizando a relevância dessa pesquisa e estudo. O próprio emprego do termo *cultura* para referir-se às práticas das ditas “classes subalternas” ou “populares”, comumente rotuladas como folclore e não como cultura (GINZBURG, 2006, p.12), é um aspecto ressaltado pelo autor. Ele irá problematizar uma determinada concepção aristocrática de cultura, como um termo frequentemente associado somente às ditas classes superiores, assim como sua difusão entre as classes “subalternas” como um “fato mecânico de pouco interesse” (GINZBURG, 2006, p.12), defendendo uma “influência recíproca entre cultura das classes subalternas e a cultura dominante”³. (GINZBURG, 2006, p.18)

Todavia, o emprego do termo *cultura* para definir o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas

³ No que diz respeito às discussões sobre cultura nesse momento, destacam-se as referências diretas do autor no texto a teóricos como Mikhail Bakhtin (p.10, 15, 18, 19), em alguns momentos se utilizando de seus conceitos, como na relação de trocas recíprocas entre “a cultura das classes subalternas e das classes dominantes” e em outros os complexificando, como no caso da teoria da circularidade da cultura.

num certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da antropologia cultural. Só através do conceito de “cultura primitiva” é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como “camadas inferiores dos povos civilizados” possuíam *cultura*. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe. Dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção antiquada de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também a posição de quem distinguia nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais do que um acúmulo inorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaborados pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes. (GINZBURG, 2006, p.12)

O autor também irá pontuar alguns possíveis obstáculos desencorajadores encontrados por pesquisadores na tentativa de realizar estudos históricos sobre o gênero, como a escassez de testemunhos e informações sobre as “classes subalternas” do passado, sobretudo fontes escritas, colocando que essas classes sociais seriam marcadas predominantemente pela cultura oral, e nesse sentido que a maioria dessas informações estariam vinculadas à algum tipo de filtro intermediário que as deformariam. No entanto o historiador enfatiza que, mesmo com dificuldades, essas informações poderiam (e deveriam) ser aproveitadas, ressaltando que “o fato de uma fonte não ser ‘objetiva’ (mas nem mesmo um inventário é ‘objetivo’) não significa que seja inutilizável” (GINZBURG, 2006, p.16), também problematizando o próprio conceito de “fonte objetiva”.

Nesse sentido, Ginzburg fará considerações importantes sobre a complexidade da relação entre tradição escrita e oral⁴ nesse momento histórico, partindo um indivíduo comum que sabia ler e escrever e a todo tempo confronta seu conhecimento prévio, imbricado na cultura oral, com o que aprendia e, sobretudo o que interpretava, a partir da leitura de seus livros. O próprio título do livro, “o queijo e os vermes”, remete ao trecho de uma fala do próprio Menocchio em seu interrogatório quando tentava explicar, a partir da metáfora de uma prática comum ao seu cotidiano, o processo de fermentação do queijo, questões mais complexas de cunho religioso.

4. Objetivo

A abordagem do Ginzburg em “*O queijo e os vermes*”, como o mesmo adverte no início do prefácio à edição italiana, não se dá pelas “gestas dos reis” mas sim por “quem construiu Tebas das sete portas” (GINZBURG, 2006, p.11), pela cultura “das classes subalternas” ou “popular”. Loriga (1996) também chamará atenção para a crescente valorização nesse momento dos estudos sobre os que seriam os “vencidos da história”, colocando que “hoje a aposta não é mais no grande homem (conceito banido e às vezes desprezado), e sim no homem comum”. (LORIGA, 1996, p.244) Assim, a partir da investigação ao entorno de uma documentação que relatava com detalhes o longo

⁴ É interessante destacar que o autor, em alguns momentos do livro, também irá apontar uma “profunda separação entre cidade e campo” na Itália nesse período (GINZBURG, 2006, p.56), onde as cidades, em seu dinamismo urbano, irão aparecer como locais de encontros possíveis, trocas, diversidade e relações sociais.

processo inquisitório do simples moleiro italiano, um indivíduo fora do comum⁵, Ginzburg pode tecer outras relações, sobretudo na articulação com outras fontes, ampliando o entendimento sobre o próprio Menocchio, em sua singularidade, mas também entendendo-o como representativo de determinada cultura em determinado período.

Porém, se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar estas últimas. Não é um objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de “indivíduo”. [...] Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo -, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico. (GINZBURG, 2006, p.20)

A biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais. (LORIGA, 1996, p.249)

Sobre o estudo das individualidades, Loriga (1996, p.248) ainda colocará que “não é necessário que o indivíduo represente um caso típico, vidas que se afastam da média levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social”. Ao inserir uma figura complexa como Menocchio na cultura de seu próprio tempo e de sua classe social, que ofereceria ao indivíduo “um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p.20), Ginzburg pode construir hipóteses importantes sobre a cultura popular da Europa nesse período. Ademais, a partir da trajetória de Menocchio, em conjunto às articulações com outras fontes promovidas pelo historiador, podemos vislumbrar tangencialmente dois eventos históricos importantes: a invenção da imprensa e a Reforma Protestante (GINZBURG, 2006, p.25), e como a vida desse indivíduo, um simples moleiro italiano que sabia ler e escrever, estaria se relacionando à eventos mais amplos e significativos.

É importante salientar o mérito da produção de Ginzburg, sobretudo “*O queijo e os vermes*”, no panorama da História Cultural e da Micro História, em potente discussão na segunda metade do século XX. (BARROS, 2011) O historiador irá finalizar seu prefácio à edição italiana com uma frase de Walter Benjamin que diz: “Nada do que aconteceu deve ser perdido para a história” (GINZBURG, 2006, p.26), reforçando a relevância de seus objetos e temas de estudo.

⁵ Sobre o caso específico de Menocchio, é interessante ressaltar o comentário de Loriga (1996) sobre “alguns sinais de heroísmo” vislumbrados no moleiro italiano, o que, em sua concepção, o diferencia de outros exemplos de “homens verdadeiramente comuns”. (LORIGA, 1996, p.244)

5. Estrutura e articulação dos argumentos principais

O texto proposto para a leitura se divide em *Prefácio à edição italiana* - dividido em 10 capítulos - e os itens 1. *Menocchio*, 2. *A aldeia* e 3. *O primeiro interrogatório*.

Prefácio à edição italiana

A construção do prefácio se dá de maneira que Carlo Ginzburg nos guia em seu procedimento metodológico historiográfico, tentando sempre justificar o objetivo e tema do livro em tratar da “cultura das classes subalternas”, a partir de um estudo intensivo do material documental sobre trajetória herética de Domenico Scandella, o moleiro friulano perseguido pelo Santo Ofício no século XVI, assim como de outros fragmentos pertinentes, reunidos pelo historiador, que auxiliam a construção de seu argumento e de sua narrativa. Segundo Ginzburg:

Acho que existe uma grande diferença entre os temas históricos que se justificam por si mesmos e aqueles que devem ser justificados por uma abordagem específica. Ou seja, quando se escreve um livro sobre a Revolução Francesa, ele pode ser bom ou ruim, mas não é preciso justificar a idéia de escrevê-lo. Mas quando se escreve um livro sobre, digamos, um moleiro do século XVI, é preciso justificá-lo. É preciso justificar o próprio tema. Acredito que isso tenha alterado algo de muito profundo na profissão do historiador (GINZBURG, 1990, p.206).

Inicialmente, Ginzburg denuncia seu posicionamento crítico em relação aos modelos historiográficos positivistas ou “do passado”. Veremos mais adiante que toda sua argumentação se baseia na oposição à esse modelo. A apresentação de Menocchio é breve, ressaltando apenas sua execução após “uma vida transcorrida em total anonimato”, e seu personagem, assim como seu discurso, serão explorados em idas e vindas dentro da trama criada pelo autor.

Mais adiante, o autor expõe seu primeiro argumento que se dá a partir da noção de *cultura* e de “circularidade cultural”, ressaltando a inclusão, no primeiro termo, do “conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico”. (GINZBURG, 2006, p. 12) Ginzburg lança luzes sobre os que considera “oprimidos pela história”, a partir da reunião de fragmentos da “cultura produzida pelas classes populares”, e a construção de sua narrativa sobre a questão.

Utilizando-se de alguns exemplos, o historiador complexifica as relações entre a cultura subalterna e a cultura hegemônica, assim como da noção de “circularidade da cultura” formulada por Bakhtin. (GINZBURG, 2006, p.19) De um lado, temos as pesquisas sobre a literatura de cordel de Robert Mandrou e Geneviève Bollème que, para ele, descreve mais a cultura estereotipada e “imposta às massas populares” do que a cultura que produziram de fato (GINZBURG, 2006, p. 14). Do outro, temos a abordagem de Mikhail Bakhtin no livro *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (1965), a partir da figura de Rabelais que, mesmo sendo um intelectual renascentista, se dispôs a transitar pelos aspectos da cultura popular de seu tempo, sobretudo no âmbito do carnaval em sua dimensão pública. Ademais, a abordagem de Bakhtin, em sua riqueza de perspectivas sobre a cultura popular, irá disparar em Ginzburg o desejo de uma “sondagem direta, sem intermediários, do mundo popular”. (GINZBURG, 2006, p.15)

Essa complexidade cultural também é analisada a partir da figura de Menocchio, sobretudo em seus trânsitos entre cultura oral e escrita, onde “crenças populares, de obscuras mitologias camponesas” são enxertadas com um “conjunto de ideias muito claras e consequentes, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo tendencialmente científico, às aspirações utópicas de renovação social”. (GINZBURG, 2006, p.19) Ou seja, Menocchio filtrou diversas obras e proposições da cultura erudita para construir uma cosmovisão original, construída por fragmentos da cultura hegemônica imersos na cultura popular (BARROS, 2007, p.173).

Todo este complexo tecido de depoimentos contraditórios foi rastreado pelo historiador Carlo Ginzburg não só para lhe revelar a rede de solidariedades e rivalidades que percorre esta pequena comunidade, como também para mostrar-lhe, a ele e a seus leitores, algo sobre o cotidiano dos camponeses naquela região do norte da Itália. A verdade é que Carlo Ginzburg consegue captar através da sua “gota d’água”⁶ algumas coisas que ao mesmo tempo são específicas na sua maneira de se expressarem e generalizadas no fato de se expressarem: circularidade cultural, solidariedade e rivalidade como expressão de micro-poderes, rigor e flexibilidade dos sistemas repressivos, mecanismos direcionados para converter a “diferença” quando isto é possível, e para “excluir” ou punir a diferença quando falha esta primeira possibilidade. Tudo isto, enfim, transparece através desta gota d’água que é o posicionamento de Menocchio na fronteira de uma “cultura popular” essencialmente oral e típica de seu mundo rural e uma “cultura letrada” típica das elites e percebida através de algumas leituras – situação potencializada pela possibilidade oferecida ao moleiro, de natureza imprudentemente loquaz para um homem de sua posição social, para dar vazão às suas idéias em um tribunal de Inquisição (BARROS, 2007, p.174).

Tendo em vista os conceitos de cultura e circularidade cultural, o autor explicita sua justificativa da “investigação capilar de *um moleiro*”, indo na contracorrente das pesquisas na história *quantitativa* das ideias e na história religiosa *serial*, que eram o enfoque das pesquisas históricas à época (GINZBURG, 1976, p.19-20).

Tanto a pesquisa quantitativa quanto a “história das mentalidades” não interessam ao autor. Ginzburg reitera que as posições do moleiro não são remissíveis unicamente às suas leituras, às influências de um radicalismo camponês ou aos indícios religiosos heterogêneos, ligados aos grupos heréticos de formação humanistas – e sim a um “estrado obscuro, quase indecifrável, de remotas tradições camponesas” (GINZBURG, 2006, p.20-21). O que emerge dos discursos de Menocchio “não é mais uma mentalidade do que uma cultura”. O moleiro não representa uma “mentalidade coletiva”, não se pretende enxergar a sociedade inteira a partir de sua trajetória. O que se pretende é enxergar algo da realidade social campesina a partir de sua trajetória que Ginzburg nomeia de “cultura popular”. Assim, *O Queijo e os vermes* “não é a biografia tradicional de Menocchio e sim o estudo complexo das formas concretas da cultura campesina e popular e da cultura da elite do século XVI através e por intermédio do moleiro Domenico Scandella” (ROJAS, 2003, p. 306).

⁶ Barros se utiliza da metáfora que o micro-historiador examina “uma gota d’água para enxergar algo do oceano inteiro”, ao explicar o objeto de examinação do micro-historiador (BARROS, 2007, p.170).

Apesar de não gostar de ser “etiquetado” como *microstorico* - já que não existe uma ortodoxia micro-histórica mas sim muitas variações (GINZBURG, 2016, p.25)- , a abordagem do italiano invariavelmente se relaciona com as práticas da micro-historiografia. Segundo Barros (2007) e Rojas (2003), a micro-história tem como procedimento principal a “troca de escalas” do nível de observação e do estudo de problemas históricos e, portanto, utiliza o acesso aos níveis micro-históricos - às escalas reduzidas de observação referentes a um fragmento, a uma parcela de uma realidade social - como espaço de experimentação e como procedimento metodológico para o enriquecimento da análise histórica. Com essa redução de escala pretende-se enxergar aquilo que escapa à macro-história tradicional, os detalhes e aspectos que passariam despercebidos são desvelados a partir do exame intensivo das fontes documentais. Ao mesmo tempo, esse micro na história não se destaca do macro, ambos os planos têm relevância similar em termos epistemológicos e essa abordagem traz um novo modo de conceber essa articulação específica.

Se temos Menocchio como a escala reduzida, um fragmento da sociedade, Ginzburg o insere dentro de dois eventos da macro-história: a invenção da imprensa e a Reforma. Se a cosmovisão herética de Menocchio se dá a partir do confronto dos livros com a tradição oral, a invenção da imprensa significa uma ruptura “pelo fim do monopólio dos letrados sobre a cultura”. E os movimentos da Reforma, que incentivam Menocchio a “comunicar o que pensava” aos clérigos, também traz mudanças estruturais dentro da estrutura religiosa que prevalecia na Itália do século XVI. Assim, a execução de Menocchio na fogueira do Santo Ofício – micro - também é incorporada em uma esfera social mais ampla – macro -, marcada pelo “enrijecimento hierárquico, pela doutrinação paternalista das massas, pela extinção da cultura popular, pela marginalização mais ou menos violenta das minorias e dos grupos dissidentes” (GINZBURG, 2006, p. 26).

A colocação final do prefácio se dá no sentido de não ignorar esse “resíduo de indecifrável” da cultura popular, entendendo a “mutilação histórica da qual, em certo sentido, nós mesmos somos vítimas”.

Epígrafe

“Tudo que é interessante se passa na sombra. Nada se sabe da verdadeira história dos homens”. A epígrafe de Louis-Ferdinand Céline é escolhida precisamente uma vez que se relaciona diretamente com o justificativa do livro e também ao método historiográfico de Ginzburg. “Toda escolha narrativa, consciente ou inconsciente, tem conseqüências no nível cognitivo” (GINZBURG, 2016, p.21). É nas sombras que o italiano se embrenha para estudar as feiticeiras e os hereges e a partir daí remonta suas hipóteses sobre a cultura popular.

O Queijo e os vermes

Os três capítulos iniciais do livro são divididas em escalas: indivíduo, microcosmo social de Montereale e uma primeira introdução ao âmbito institucional, representado pelo Santo Ofício, ou melhor pelos dogmas do Santo Ofício, contrariados pela proferição de Menocchio.

1. Menocchio

A primeira sessão do trecho apresenta o personagem de Domenico Scandella, sua família, seu ofício e seus bens. Insere o moleiro no microcosmo social de Montereale, indicando sua diferenciação, em especial a condição de “saber ler, escrever e somar”.

Uma vez que o livro tem como base os autos dos processos acusatórios da trajetória herética de Menocchio, inicia aqui uma primeira descrição sobre a acusação inicial do Santo Ofício, datada de 28 de setembro de 1583, e baseada principalmente sobre os testemunhos de residentes da cidade.

2. A aldeia

“Não é fácil entender pelos autos do processo qual era a reação dos conterrâneos de Menocchio às suas palavras”. A partir dessa frase percebemos como Ginzburg vai tateando a documentação existente, mostrando lacunas, e deixando claro que sua remontagem historiográfica não é fixa, sempre partindo da retomada dos pontos de partida.

Ginzburg apresenta os diversos pontos de vista, levando o leitor a vivenciar tanto a experiência dos inquisidores quando do inquirido e das testemunhas do processo. São diversos testemunhos dos moradores da vila, são visões contrárias e a favor do personagem, independente de suas blasfêmias. Em certo momento os filhos do moleiro até acusam o pároco Odorico Vorai de ser o delator anônimo da acusação – e logo Ginzburg apresenta a hostilidade clerical em relação a Menocchio.

Aqui, o autor mostra, pela primeira vez, como as afirmações heréticas do moleiro eram fragmentadas e desconexas. Convencido por amigos a se entregar ao Santo Ofício e declarar culpa pelas afirmações heréticas, Menocchio vai a Maniago, onde é preso no dia 4 de fevereiro de 1584 para então iniciar seu primeiro julgamento em 7 de fevereiro de 1584.

3. O primeiro interrogatório

Em seu primeiro interrogatório, Menocchio expõe sua cosmogonia heterodoxa sobre a relação entre Deus (massa/tudo) e o queijo/leite, os anjos que surgem do queijo como os vermes e o Deus-anjo criado do caos.

Essas três capítulos são uma pequena amostra da complexidade narrativa do livro, que de maneira fluida vai desvalendo as divergentes ideias do moleiro friulano.

Referências

BARROS, José. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, vol.12, n. 16, p.38 - 63, 2011.

BARROS, José. A ESCOLA DOS ANNALES: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**, Dourados, vol. 4, n. 8, p.1 - 29, 2010.

BARROS, José. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, Catalão, vol.7, n. 9, p.167-186, 2007.

GINZBURG, Carlo. HISTÓRIA E CULTURA: Conversa com Carlo Ginzburg. [Entrevista concedida a] Alzira Alves de Abreu, Ângela de Castro Gomes e Lucia Lippi Oliveira. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. vol. 3, n. 6, p.254 - 263, 1990.

GINZBURG, Carlo. Le sventure e le fortune della scrittura della storia: intervista a Carlo Ginzburg. [Entrevista concedida a] Araguaia Solange de Souza Roque, Humberto Perinelli Neto, Rodrigo Ribeiro Paziani. **Tempos históricos**, Cascavel. vol. 20, n. 1, p.30-26, 2016.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. 'There is always in history this possibility of the unexpected': Interview with Carlo Ginzburg. [Entrevista concedida a] Claire Zalc. Verso, 2019. Disponível em: <<https://www.versobooks.com/blogs/4460-there-is-always-in-history-this-possibility-of-the-unexpected-interview-with-carlo-ginzburg>>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema" In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ROJAS, Carlos. Invitación a otra microhistoria: la microhistoria italiana. **Histórica**, Lima, vol. 27, n. 2, p.283-317, 2003.

SCHUTTE, Anna Jacobson. Recent studies of the Roman Inquisition. In: OCKER, Christopher et al. **Politics and reformations: histories and reformations**. Boston: Leiden, 2007, p. 91-112.